



Boletim Conjuntural Semana 33/2026 – 13 de agosto de 2026

CEVADA.....	2
MILHO	2
OLERÍCOLAS	3
RÃS.....	4
SUÍNOS.....	4
FRANGOS.....	5

A presente edição do Boletim Conjuntural traz um panorama atualizado do agronegócio paranaense, reunindo o andamento do plantio e da colheita, os custos de produção e o desempenho das exportações rurais.

Nas culturas de inverno e grãos, o plantio da cevada foi encerrado com área recorde e boas condições em campo, ao mesmo tempo em que a indústria paranaense absorveu a maior parcela das importações nacionais do grão para atender à ampliação de sua capacidade de malteação. Já a colheita da segunda safra de milho segue em ritmo avançado na região Oeste e em estágio inicial no Norte, dependendo de tempo firme nesta semana para manter o avanço nos trabalhos.

Diversificando a produção rural, a olericultura reafirma sua relevância

socioeconômica e na agricultura familiar pela expressiva movimentação no valor da produção, com oferta concentrada em batata, tomate e mandioca de mesa, tendo o Núcleo Regional de Curitiba como principal polo. Em menor escala, a ricultura consolida um forte crescimento no estado, impulsionada pelo aumento no volume de abate e pela liderança do município de Palotina.

Na pecuária, a avicultura de frango vive um momento de forte expansão, com o Paraná liderando os embarques nacionais e registrando salto expressivo nas vendas externas em julho, impulsionado pela reabertura de mercados estratégicos como a China e a União Europeia. Em contrapartida, a suinocultura paranaense registrou nova queda no custo de produção, figurando abaixo dos valores praticados nos demais estados do Sul. Contudo, a retração no preço pago ao produtor pelo suíno vivo pressionou a rentabilidade da atividade no período e reduziu o poder de compra do suinocultor frente aos insumos da ração, como o milho e o farelo de soja.

Boa leitura!



Boletim Conjuntural Semana 33/2026 – 13 de agosto de 2026

CEVADA

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O plantio da cevada no Paraná foi encerrado em julho com uma área recorde de 129 mil hectares. Até o momento, as lavouras apresentam boas condições em campo, sendo que pouco mais de dois terços já avançaram para os estágios reprodutivos. A produção concentra-se na região mais fria do estado, sobretudo nos Regionais de Ponta Grossa e Guarapuava, que detêm 57,5 mil e 47,5 mil hectares, respectivamente. Embora Ponta Grossa concentre a maior área, a região de Guarapuava tende a registrar uma produção maior devido à sua superior aptidão climática, desde que o tempo siga favorável.

Com a expansão da safra paranaense, seria natural prever uma queda nas importações do grão. No entanto, o aumento da capacidade de malteação no país impulsionou as compras externas de cevada para 933 mil toneladas no último ano, atingindo o segundo maior volume da série histórica, com o Paraná respondendo por 58% desse total e mostrando a força da indústria paranaense no segmento. Consequentemente, as

importações de malte recuaram: em relação ao pico de 1,42 milhão de toneladas em 2021, o volume registrou uma queda de 28% em 2025, fechando em 1,03 milhão de toneladas.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Na última semana, ocorreram chuvas em várias regiões do Estado, o que fez com que os trabalhos de colheita avançassem abaixo do esperado. As precipitações elevam a umidade dos grãos, dificultando e, em alguns casos, até paralisando as operações de colheita.

Para esta semana, a previsão do Simepar indica chuvas isoladas e de baixo volume nas principais regiões que ainda possuem áreas de milho a serem colhidas. Caso esse cenário se confirme, a colheita deverá avançar de forma significativa.

O relatório de acompanhamento de plantio e colheita do Deral divulgado nesta semana apontou que já foram colhidos pouco mais de 1,74 milhão de hectares da segunda safra de milho, o equivalente a 60% dos 2,9 milhões de hectares plantados no ciclo 2025/26.

Na região oeste do Estado, segunda principal produtora de milho da segunda



Boletim Conjuntural Semana 33/2026 – 13 de agosto de 2026

safrá, com pouco mais de 941 mil hectares semeados, a colheita está na reta final, com mais de 90% da área já colhida. Já a região norte do Estado, principal região produtora, com mais de 1,02 milhão de hectares, ainda se encontra na fase inicial da colheita, tendo alcançado até esta semana apenas 22% da área plantada.

De acordo com o ZARC (Zoneamento Agrícola de Risco Climático), na região norte o plantio é realizado, em média, mais tardiamente do que nas demais regiões do Estado e, naturalmente, a colheita também ocorre de forma mais tardia.

OLERÍCOLAS

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

A Olericultura tem como uma das características principais o uso intensivo de mão de obra em pequenos espaços, gerando postos de trabalho e renda e importância ímpar nas comunidades e localidades onde está inserida, promovendo a segurança alimentar tanto das famílias que produzem - geralmente da Agricultura Familiar - e das populações urbanas, preocupadas com alimentos saudáveis em quantidade e qualidade.

Em 2025 os números preliminares do setor sugerem uma movimentação financeira de R\$ 5,7 bilhões de Valor Bruto da Produção/VBP e participação de 2,7% no montante de R\$ 212,6 bilhões de toda a Agropecuária Paranaense.

Com uma representatividade atomizada frente a potência dos negócios do campo estadual e uma miríade de 50 espécies cultivadas, a atividade está presente em todos os 399 municípios do Paraná.

Em uma superfície plantada de 115,2 mil hectares de cultivos de hortaliças extraíram-se 3,1 milhões de toneladas, onde três produtos concentram a oferta: a Batata, o Tomate e a Mandioca para consumo humano. Esta trinca concentra 44,7% da área, 51,9% do volume produzido e 40,0% do VBP do setor.

Sob a lente da produção regional, o Núcleo de Curitiba – maior aglomeração urbana do estado com 3,6 milhões de habitantes – participa com 34,3% do VBP, 32,6% das quantidades colhidas e 37,0% do espaço com hortaliças, sendo a principal produtora.

Os Núcleos Regionais de Guarapuava, Ponta Grossa, Jacarezinho e Apucarana, agregados ao NR Curitiba



Boletim Conjuntural Semana 33/2026 – 13 de agosto de 2026

representam juntos 62,5% da área; 65,5% dos volumes extraídos e 61,8% do VBP do setor.

Sob a ótica local, os vinte principais municípios agregam 47,5% da área, 52,8% da produção e 50,3% do VBP olerícola, tendo São José dos Pinhais na liderança com 8,0%, 7,8% e 9,9% dos critérios acima.

RÃS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

A ranicultura no Paraná, apesar de ainda tímida, vem apresentando forte crescimento nos últimos anos. Após fechar 2022 com um VBP de R\$ 271 mil, o valor aumentou 240%, atingindo R\$ 921 mil em 2025, segundo dados do Deral. Já o número de animais abatidos passou de 20 mil para 80 mil no mesmo período.

Palotina é o principal produtor do estado, com o abate de cerca de 50 mil animais por ano. Outro importante município produtor é Arapongas.

A carne de rã é leve, magra e de sabor suave. Ainda com pouco espaço na culinária brasileira, ela é utilizada na cozinha francesa, por exemplo, em pratos como a rã à provençal, que consiste em

pernas de rã salteadas com azeite, manteiga, alho e ervas.

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Em junho de 2026, o custo de produção do suíno vivo no Paraná atingiu R\$ 5,75 por quilo, registrando uma leve oscilação negativa de 0,51% (-R\$ 0,03/kg) em relação a maio e uma queda de 3,4% (-R\$ 0,20/kg) frente ao mesmo mês do ano anterior, segundo dados da Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa. O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) fechou o mês em 355,05 pontos, o que representa um recuo mensal de 0,36% e uma retração acumulada de 4,22% no ano e de 0,74% nos últimos 12 meses.

Na comparação com os estados vizinhos, o Paraná apresentou um custo inferior ao de Santa Catarina (R\$ 6,21/kg, com queda mensal de 0,32%) e ao do Rio Grande do Sul (R\$ 6,29/kg, com alta mensal de 1,00%).

A nutrição animal permaneceu como o principal componente dos custos do suinocultor paranaense, respondendo por 70,10% do total e fechando o mês em R\$



Boletim Conjuntural Semana 33/2026 – 13 de agosto de 2026

4,03 por quilo. Em relação a maio, o gasto com alimentação variou -0,14% e, no acumulado do ano, registrou retração de 2,97%. Entre os demais itens da granja, observou-se recuo mensal nos custos de capital (-1,54%) e na genética (-4,46%), estabilidade em sanidade e transporte, e elevação nas despesas com energia elétrica, calefação e cama (+3,80%).

Apesar do alívio nos custos, a rentabilidade do produtor ficou em campo negativo. O preço nominal médio do suíno vivo pago ao produtor no Paraná recuou 2,3% em relação a maio, caindo para R\$ 5,51 por quilo. Esse movimento consolida uma drástica retração de 20,6% ao longo do primeiro semestre, visto que em janeiro de 2026 o valor praticado era de R\$ 6,94 por quilo. Com isso, o valor recebido pela carne em junho ficou 4,2% abaixo (-R\$ 0,24/kg) do custo médio de produção do período.

O resultado reflete uma perda expressiva frente aos patamares de 2025, quando o suíno vivo registrou média anual de R\$ 7,03/kg e fechou o mês de junho cotado a R\$ 7,02/kg.

Paralelamente, o mercado de insumos para a ração trouxe reduções no atacado paranaense durante o mês. O

milho recuou 3,3% frente a maio, cotado a R\$ 61,23 por saca de 60 kg, enquanto o farelo de soja caiu 2,8%, atingindo R\$ 1.827,78 por tonelada. O milho, farelo de soja, vitaminas, aminoácidos e outros componentes, são itens que compõem a ração dos animais, tendo impactos diretos no custo total de produção.

No entanto, a desvalorização do suíno vivo superou a queda dos grãos e provocou uma severa deterioração na relação de troca anual. Em junho de 2026, tornaram-se necessários 280 kg de suíno para adquirir uma tonelada de milho - contra 150 kg no mesmo período de 2025 - e 333 kg de suíno para comprar uma tonelada de farelo de soja, exigindo um esforço de compra 29,1% maior do suinocultor.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne de frango alcançaram 519,2 mil toneladas em julho, volume 29,9% superior ao registrado no mesmo mês de 2025, quando foram embarcadas 399,6 mil toneladas. Em receita, as vendas geraram US\$ 991,2



Boletim Conjuntural Semana 33/2026 – 13 de agosto de 2026

milhões no mês, registrando uma alta de 34,3% na comparação com os US\$ 737,8 milhões obtidos em julho do ano anterior.

No acumulado de janeiro a julho, os embarques totalizaram 3,455 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 15,2% frente às 3 milhões de toneladas de igual período de 2025, enquanto o faturamento acumulado avançou 19,3%, passando de US\$ 5,609 bilhões para US\$ 6,690 bilhões.

A China posicionou-se como o principal destino das exportações brasileiras no mês, absorvendo 70,5 mil toneladas - mercado que se encontrava suspenso em julho de 2025.

Na sequência dos embarques figuram os Emirados Árabes Unidos, com 41,4 mil toneladas (-19,9%); a Arábia Saudita, com 39,7 mil toneladas (+26,2%); e o Japão, com 38,5 mil toneladas (-10,2%). Completam a lista dos principais compradores a União Europeia, com 36,8 mil toneladas, e a África do Sul, com 26,1 mil toneladas, dois mercados que também estavam fechados no mesmo período do ano anterior.

Entre os estados exportadores, o Paraná liderou os embarques em julho ao registrar 227,1 mil toneladas, salto de

49,3% em relação ao ano anterior. Santa Catarina ocupou a segunda posição, com 114,4 mil toneladas (+20,0%), seguida pelo Rio Grande do Sul, com 58 mil toneladas (+25,5%); São Paulo, com 29,2 mil toneladas (+9,0%); e Goiás, com 25,8 mil toneladas (+13,3%).

Para os anos de 2026 e 2027, as projeções da ABPA indicam a continuidade do crescimento do setor. Em 2026, os embarques do Brasil - maior exportador global da proteína - podem atingir o recorde de até 5,875 milhões de toneladas, o que representa um avanço de até 10,3% sobre 2025, enquanto a produção nacional deve expandir até 5,6%, situando-se no intervalo entre 16 milhões e 16,15 milhões de toneladas. Para 2027, a previsão é que as exportações alcancem até 6,05 milhões de toneladas (+3,0% sobre 2026) e a produção atinja até 16,6 milhões de toneladas (+2,8%).

A disponibilidade interna de carne de frango acompanhará esse ritmo, devendo chegar a 10,275 milhões de toneladas em 2026 (+3,1%) e a 10,550 milhões de toneladas em 2027 (+2,7%), impulsionando o consumo per capita nacional dos 46,7 kg/hab registrados em 2025 para até 48,1 kg/hab em 2026 e até 49,4 kg/hab em 2027.